



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA  
*CAMPUS* – PEDREIRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

**ROSA ALICE DE LIMA ROCHA**

**ANÁLISE DE “A BOLSA AMARELA”, DE LYGIA BOJUNGA E A CONSTRUÇÃO  
DA IDENTIDADE**

Pedreiras  
2025

**ROSA ALICE DE LIMA ROCHA**

**ANÁLISE DE “A BOLSA AMARELA”, DE LYGIA BOJUNGA E A CONSTRUÇÃO  
DA IDENTIDADE**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da  
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA  
*Campus* Pedreiras para obtenção de grau em  
Letras Licenciatura.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Esp. Edma Ribeiro Luz

Pedreiras  
2025

Rocha, Rosa Alice de Lima.

Análise de “A bolsa amarela”, de Lygia Bojunga e a construção da identidade / Rosa Alice de Lima Rocha. - Pedreiras - MA, 2025.

43 f.

Monografia (Graduação em Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, 2025.

Orientadora: Profa. Esp. Edma Ribeiro Luz.

1. A Bolsa Amarela. 2. Identidade. 3. Literatura. I. Título.

CDU: 869


**ROSA ALICE DE LIMA ROCHA**

**ANÁLISE DE “A BOLSA AMARELA”, DE LYGIA BOJUNGA E A CONSTRUÇÃO  
DA IDENTIDADE**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da  
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA  
*Campus* Pedreiras para obtenção de grau em  
Letras Licenciatura.


Aprovado em: 19 /12/2025

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 **EDMA RIBEIRO LUZ**  
Data: 13/01/2026 22:27:20-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Orientadora: Prof.<sup>ª</sup> Esp. Edma Ribeiro Luz  
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Documento assinado digitalmente  
 **RUTH JONIELLE CARVALHO NOVAIS DE SOUSA I**  
Data: 14/01/2026 09:50:30-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Esp. Ruth Jonielle Carvalho Novais de Sousa Leite  
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Documento assinado digitalmente  
 **JACKELINE CARNEIRO DE ARAUJO**  
Data: 14/01/2026 10:05:58-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Esp. Jackeline Carneiro de Araújo  
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

## AGRADECIMENTOS

É com imensa alegria e o coração transbordando que chego até aqui. Foram longos quatro anos de muita luta, nos quais, às vezes, imaginei que nunca conseguiria. Sou tão grata a cada um que fez parte desta caminhada. Essa conquista não é apenas minha, mas de todos aqueles que estiveram comigo ao longo desta jornada.

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por ter me concedido a oportunidade de trilhar este caminho e por ter me capacitado durante toda a trajetória. Pedi tanto ao Senhor que me abrisse portas, e Ele ouviu minhas orações. Toda honra e glória a Ele!

Agradeço imensamente à minha mãe, Iolanda, e ao meu pai, Rufino, que foram minha maior força, que sempre foram meu maior exemplo de resiliência, de determinação e, principalmente, de educadores. Nunca mediram esforços pelo meu sucesso e pela minha felicidade. Por incentivarem e moverem montanhas pelos meus sonhos, estou onde estou hoje; sem vocês, nada seria possível.

Aos meus irmãos, por sempre me incentivarem e mostrarem que estou no caminho certo. Desde cedo, trilhamos caminhos juntos e compartilhamos pequenas vitórias.

À toda a minha família, que sempre prestou apoio e celebrou comigo cada conquista.

À minha tia Socorro, que me acolheu e me adotou como neta durante esses quatro longos anos e caminhou comigo; agradeço a Deus por sua vida e por tê-la colocado em minha vida. À sua família, que também esteve comigo, sou muito grata a todos pelo carinho e cuidado.

À minha orientadora, Edma, que foi muito mais que uma instrutora, por toda a paciência e dedicação nesta reta final.

Às minhas amigas dentro do curso, que se estenderam para sempre. Em especial, Aimê e Yasmim, que tornaram este processo tão leve e feliz. Compartilhar tudo isso com vocês tem sido uma dádiva: ganhar amigas leais.

## RESUMO

A Literatura Infantojuvenil brasileira, sobretudo a partir da segunda metade do século XXI, passou a aprofundar a abordagem de temas ligados à subjetividade, aos conflitos íntimos e ao percurso de amadurecimento dos jovens. Nesse cenário, a obra *A Bolsa Amarela*, publicada em 1976 por Lygia Bojunga, torna-se um marco por tratar, de forma sensível e inventiva, questões como o crescimento, os desejos silenciosos e a formação da identidade. A história acompanha uma menina que, ao guardar seus sonhos dentro de uma bolsa amarela, expõe os desafios enfrentados por quem deseja ser visto, compreendido e ter autonomia em um contexto que muitas vezes impõe restrições. Assim, analisar essa obra é pertinente não apenas por sua relevância literária, mas também por seu potencial para ampliar a compreensão sobre os processos de construção identitária um tema cada vez mais discutido nas áreas culturais e educacionais. Assim este estudo tem por objetivo analisar a obra *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga, sob a perspectiva da construção da identidade da protagonista, evidenciando os elementos literários e simbólicos que marcam esse processo. Afim de sanar a problemática: De que maneira a obra *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga, contribui para a compreensão da construção da identidade, considerando o processo de formação subjetiva da protagonista e os aspectos sociais, culturais e literários que permeiam a narrativa? Por meio de uma pesquisa bibliográfica, exploratória e qualitativa, todas as informações foram organizadas de formas dissertativas com recortes para análise minuciosas da obra aliada a autores renomados da literatura infantojuvenil. Conclui-se a obra *A Bolsa Amarela* evidencia como Raquel, marcada pelo silenciamento familiar e pelos conflitos internos, utiliza a imaginação e a escrita para compreender suas vontades e construir sua identidade. Os elementos simbólicos como a bolsa e os personagens imaginários representam seus desejos reprimidos e o processo de amadurecimento. Assim, Lygia Bojunga mostra que a infância é atravessada por desafios emocionais e sociais, e que a literatura pode atuar como espaço de reflexão e autonomia.

**PALAVRAS – CHAVE:** *A Bolsa Amarela*; Identidade; Literatura.

## ABSTRACT

Brazilian children's and young adult literature, especially from the second half of the 21st century onwards, has deepened its approach to themes related to subjectivity, inner conflicts, and the maturation process of young people. In this context, the work *\*A Bolsa Amarela\** (The Yellow Bag), published in 1976 by Lygia Bojunga, becomes a landmark for its sensitive and inventive treatment of issues such as growth, silent desires, and identity formation. The story follows a girl who, by keeping her dreams inside a yellow bag, exposes the challenges faced by those who wish to be seen, understood, and autonomous in a context that often imposes restrictions. Thus, analyzing this work is pertinent not only for its literary relevance but also for its potential to broaden the understanding of identity construction processes—a topic increasingly discussed in cultural and educational fields. Therefore, this study aims to analyze Lygia Bojunga's work, *\*A Bolsa Amarela\**, from the perspective of the protagonist's identity construction, highlighting the literary and symbolic elements that mark this process. In order to address the problem: How does Lygia Bojunga's work, *\*A Bolsa Amarela\** (The Yellow Bag), contribute to understanding the construction of identity, considering the protagonist's subjective formation process and the social, cultural, and literary aspects that permeate the narrative? Through bibliographic, exploratory, and qualitative research, all information was organized in a discursive manner with excerpts for meticulous analysis of the work, combined with renowned authors of children's and young adult literature. It is concluded that *\*A Bolsa Amarela\** shows how Raquel, marked by family silence and internal conflicts, uses imagination and writing to understand her desires and construct her identity. Symbolic elements such as the bag and imaginary characters represent her repressed desires and the process of maturation. Thus, Lygia Bojunga shows that childhood is traversed by emotional and social challenges, and that literature can act as a space for reflection and autonomy.

**KEYWORDS:** A Bolsa Amarela (The Yellow Bag); Identity; Literature.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola

PNLD - Programa Nacional do Livro e do Material Didático

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Lygia Bojunga.....	20
Figura 2 – Obra A Bolsa Amarela.....	26

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO E EVOLUTIVO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 No Mundo.....</b>	<b>12</b>
<b>2.2 No Brasil.....</b>	<b>14</b>
<b>3 A IDENTIDADE: perspectivas clássicas e contemporâneas.....</b>	<b>17</b>
<b>4 LYGIA BOJUNGA: vida, obra e contribuições para a literatura infantil e juvenil.....</b>	<b>20</b>
<b>5 ENREDO DA OBRA A <i>BOLSA AMARELA</i> E SEUS PRINCIPAIS PERSONAGENS: segundo Lygia Bojunga.....</b>	<b>26</b>
<b>6 ANÁLISE DA OBRA A <i>BOLSA AMARELA</i> E SUA RELAÇÃO COM A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE.....</b>	<b>28</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Literatura Infantojuvenil brasileira, especialmente a partir da segunda metade do século XXI, passou a explorar com maior profundidade temas relacionados à subjetividade, aos conflitos internos e ao processo de amadurecimento dos indivíduos. Nesse contexto, a obra *A Bolsa Amarela*, publicada em 1976 por Lygia Bojunga, destaca-se como um marco, por abordar de maneira sensível e criativa as questões ligadas ao crescimento, aos desejos reprimidos e à construção da identidade.

A narrativa acompanha a trajetória de uma menina que, ao esconder seus sonhos em uma bolsa amarela, revela os dilemas de quem busca reconhecimento e autonomia em um universo que frequentemente impõe limitações. Diante disso, a análise da obra torna-se relevante não apenas pelo valor literário, mas também por sua contribuição na compreensão dos processos identitários, tema de crescente importância nos estudos culturais e educacionais. Este trabalho propõe-se, portanto, a investigar como a obra de Lygia Bojunga representa a formação da identidade da protagonista, evidenciando elementos simbólicos e sociais que dialogam diretamente com a realidade de muitos leitores.

Com isso, a escolha de analisar *A Bolsa Amarela* justifica-se pela relevância da obra de Lygia Bojunga na literatura infantojuvenil brasileira, reconhecida por abordar questões existenciais profundas com uma linguagem acessível. A narrativa, centrada em uma protagonista que expressa seus desejos e conflitos internos, permite refletir sobre a construção da identidade individual e social, tema de grande pertinência para os estudos literários e educacionais. Além disso, compreender como a literatura possibilita diálogos sobre subjetividade e identidade contribui para fortalecer práticas pedagógicas que valorizem a diversidade e a formação crítica dos leitores.

O objetivo geral desse estudo é analisar a obra *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga, sob a perspectiva da construção da identidade da protagonista, evidenciando os elementos literários e simbólicos que marcam esse processo. Os específicos são conhecer os aspectos históricos e evolutivos da Literatura Infanto Juvenil; identificar as definições sobre Identidade; Entender sobre a Biografia de Lygia Bojunga; analisar a obra *A Bolsa Amarela* e sua relação com a construção de identidade.

A fim de sanar a problemática: De que maneira a obra *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga, contribui para a compreensão da construção da identidade,

considerando o processo de formação subjetiva da protagonista e os aspectos sociais, culturais e literários que permeiam a narrativa? Por meio de uma pesquisa bibliográfica, exploratória e qualitativa, todas as informações foram organizadas de formas dissertativas com recortes para análise minuciosas da obra aliada a autores renomados da literatura infantojuvenil.

O estudo foi estruturado da seguinte maneira: Introdução; Aspectos históricos e evolutivos da Literatura Infantojuvenil; Definições sobre Identidade; Biografia de Lygia Bojunga; e uma análise da obra A Bolsa Amarela e sua relação com a construção de identidade; Conclusão e Referências.

## **2 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO E EVOLUTIVO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL**

### **2.1 No Mundo**

A Literatura Infantojuvenil na contemporaneidade, é resultado de um longo processo de transformações sociais, culturais e educacionais. Embora relatos destinados às crianças existam desde a Antiguidade não se pode afirmar que havia, naquele período, uma literatura especialmente voltada ao público infantil. Para Zilberman (2020), a infância era percebida como uma fase indiferenciada da vida, e os textos que hoje chamamos de infantis serviam mais à educação moral do que ao prazer estético. Ou seja, a literatura para crianças é, antes de tudo, uma construção histórica.

Durante a Idade Média narrativas como fábulas, lendas e contos maravilhosos circulavam de forma oral entre adultos e crianças. Essas histórias, posteriormente registradas por autores como Esopo e, mais tarde, pelos irmãos Grimm, não foram escritas originalmente para crianças; eram parte da tradição cultural popular. Coelho (2018) destaca que os contos só foram incorporados ao universo infantil após processos de adaptação que suavizaram seus aspectos mais sombrios, alinhando-os às expectativas pedagógicas de cada época.

O marco mais significativo para o surgimento da Literatura Infantil moderna ocorre no século XVII, com Charles Perrault, na França, que publica obras como Cinderela e Chapeuzinho Vermelho. Segundo Abramovich (2020), representam o início do processo de sistematização da literatura destinada à infância, quando a narrativa passa a ser pensada como instrumento de formação social e moral. A partir desse período, começou-se a reconhecer a criança como sujeito com características próprias, o que demandava produções específicas voltadas ao seu desenvolvimento.

No século XVIII, o Iluminismo contribuiu de forma significativa para essa evolução. A obra de Rousseau, especialmente Emílio, influenciou a educação ao defender que a infância possui necessidades particulares, que deveriam ser respeitadas. Para Lajolo e Zilberman (2019), a concepção moderna de infância, impulsionada por filósofos iluministas, foi determinante para o florescimento da literatura infantil como campo distinto. A partir daí, escritores passaram a criar livros

que dialogassem com o universo das crianças, incorporando aspectos lúdicos, educativos e morais.

No século XIX, com o avanço da escolarização e das tecnologias de impressão, a Literatura Infantojuvenil se consolidou. Surgem obras de autores como Hans Christian Andersen, Lewis Carroll e posteriormente Mark Twain, que revolucionaram o modo de narrar para crianças. Carroll, com *Alice no País das Maravilhas*, inaugurou uma nova perspectiva ao apresentar uma narrativa que privilegiava o absurdo, o humor e o jogo linguístico. Como afirma Hunt (2021), Alice rompeu a rigidez moralista do período vitoriano e abriu caminho para a literatura infantil como espaço de imaginação radical. Esse movimento expandiu as possibilidades estéticas da literatura para crianças, aproximando-a do campo artístico e afastando-a da função exclusivamente moralizadora.

O século XX marca a consolidação da Literatura Infantojuvenil como campo de pesquisa e de produção literária. A partir das primeiras décadas, obras passaram a abordar temas mais sensíveis, como medo, perda, relações familiares e conflitos sociais, reconhecendo a criança como um sujeito complexo. Nessa perspectiva, Lajolo e Zilberman (2019) afirmam que a modernidade literária infantil incorporou tensões e ambiguidades, valorizando o potencial crítico do leitor jovem. Escritores como Antoine de Saint-Exupéry, com *O Pequeno Príncipe*, e Astrid Lindgren, criadora de Pippi Meialonga, contribuíram para essa renovação, ao apresentar histórias que valorizam autonomia, sensibilidade e reflexão.

A partir da segunda metade do século XX, com a globalização e o fortalecimento do mercado editorial, a Literatura Infantojuvenil experimentou crescimento significativo, diversificando temas, autores e estilos. Houve incremento de narrativas que dialogam com questões sociais, culturais e identitárias, como migração, diversidade étnica, deficiência, preconceito e desigualdades. Essa ampliação, segundo Hunt (2021), reflete o reconhecimento da criança como cidadã e participante ativa na vida social.

Na contemporaneidade, observa-se uma Literatura Infantojuvenil marcada pela multiplicidade. As obras incorporam linguagens híbridas, exploram recursos visuais e dialogam com outras mídias, como cinema, televisão e jogos digitais. Autores como J. K. Rowling, Neil Gaiman e Rick Riordan ampliaram o alcance do público jovem ao combinar aventura, fantasia e temas contemporâneos, promovendo identificação e engajamento pela narrativa. No entanto, como ressalta Hunt (2021), o desafio atual é

equilibrar a força do mercado editorial com o compromisso de assegurar obras que respeitem a complexidade da infância.

A evolução da literatura infantojuvenil mundial é o fortalecimento da perspectiva inclusiva. Obras que abordam temas como neurodiversidade, deficiência, questões emocionais e diferenças culturais ganharam destaque e passaram a compor acervos escolares em diversos países. Em estudos recentes, Coelho (2018) aponta que a literatura inclusiva contribui para ampliar a compreensão do diverso e fortalecer a empatia entre crianças e jovens, especialmente quando representações positivas estão presentes. Esse movimento dialoga diretamente com as demandas educativas contemporâneas, que reconhecem a literatura como instrumento de formação crítica, emocional e social.

Portanto, a evolução da Literatura Infantojuvenil no mundo revela que ela não é estática, mas acompanha transformações históricas e culturais. Do caráter moralizante do passado à pluralidade do presente, a literatura destinada às crianças passou a desempenhar papel fundamental na formação leitora e humana. Atualmente, sua relevância transcende o campo pedagógico, tornando-se elemento central para o desenvolvimento da imaginação, da sensibilidade, da cidadania e da inclusão. Assim, compreender seu percurso histórico é essencial para reconhecer seu valor na educação e no fortalecimento de práticas inclusivas, especialmente no contexto escolar contemporâneo.

## **2.2 No Brasil**

A Literatura Infantojuvenil brasileira apresenta uma trajetória marcada por movimentos culturais, educacionais e políticos que moldaram suas características e funções ao longo dos séculos. Embora suas raízes estejam relacionadas às traduções e adaptações europeias, especialmente no século XIX, foi somente no século XX que esse campo ganhou identidade própria, consolidando autores, estilos e propósitos voltados à formação de leitores. Segundo Zilberman (2020), a Literatura Infantil no Brasil constitui-se como prática social e estética quando passa a dialogar com a infância brasileira real, não apenas com modelos importados, indicando o deslocamento de uma literatura estrangeira para uma produção nacional autêntica.

A fase mais lembrada dessa evolução ocorre com Monteiro Lobato, figura decisiva na construção de uma literatura infantil brasileira moderna. Contudo, como

defendem Ramos (2022) e Sandroni (2019), a crítica contemporânea ressalta que, apesar de Lobato ser um marco, a literatura infantojuvenil brasileira não começa nem termina nele, mas se expande por múltiplas vozes, linguagens e perspectivas que revelam a diversidade cultural do país. A partir da segunda metade do século XX, autores como Lygia Bojunga, Ana Maria Machado e Ruth Rocha ampliaram os horizontes narrativos, incorporando temas sociais, liberdade imaginativa e protagonismo infantil, fatores essenciais para a consolidação do gênero.

A partir dos anos 2000 e, sobretudo, na última década, observa-se um crescimento expressivo na produção e circulação de obras destinadas ao público infantojuvenil. Esse movimento é favorecido por políticas públicas, pelo mercado editorial e pelas mudanças socioculturais que ampliaram a valorização da leitura literária. Souza (2024) destaca que o Brasil vive um dos períodos mais férteis da literatura para crianças e jovens, com diversidade temática, investimento em ilustração e abertura para debates contemporâneos, como identidade, direitos humanos e subjetividades infantis. O surgimento de novos autores e ilustradores, bem como a renovação dos já consagrados, contribui para que a literatura infantojuvenil se torne mais plural e representativa.

Outro fator relevante é o papel da escola como espaço privilegiado de acesso à leitura literária. Para Cunha (2019), a escola brasileira, quando mediada por educadores leitores, “tem a potência de transformar a literatura em experiência estética e humanizadora”, o que reforça a importância da formação docente para a mediação literária de qualidade. A presença de programas de distribuição de livros, como PNBE e PNLD Literário contribui para ampliar o acesso ao acervo brasileiro contemporâneo, ainda que de forma desigual entre regiões.

O contexto atual, estudiosos como Paiva (2023) afirmam que a Literatura Infantojuvenil brasileira demonstra maturidade estética e pedagógica ao incorporar temas complexos sem subestimar o leitor. Essa perspectiva desloca a antiga ideia de literatura moralista, tradicionalmente voltada a transmitir lições explícitas, para uma literatura que promove questionamentos, sensibilidade e construção de sentidos. Assim, obras contemporâneas tratam de questões como diversidade, relações familiares, conflitos sociais e afetividade de maneira simbólica e aberta à interpretação.

A Literatura Infantojuvenil brasileira tem experimentado expansão em formatos e linguagens. O crescimento dos livros ilustrados, *graphic novels* e produções

multimodais amplia a relação entre palavra e imagem, tornando a leitura mais significativa para crianças e jovens. Rocha (2021) observa que a leitura visual se tornou central na experiência estética das novas gerações, indicando que a literatura atual precisa dialogar com o universo digital dos leitores. Essa dimensão amplia o campo de atuação dos ilustradores brasileiros, que hoje são premiados internacionalmente, como Roger Mello, Odilon Moraes e Ciça Fittipaldi.

Outro aspecto importante é o fortalecimento da representatividade nas narrativas. A literatura contemporânea busca retratar sujeitos historicamente invisibilizados crianças negras, indígenas, com deficiência, ribeirinhas, periféricas etc. Autores como Kiusam de Oliveira, Daniel Munduruku e Sonia Rosa promovem uma literatura intercultural que valoriza identidades e memórias, sendo reconhecidos nacional e internacionalmente. Rangel (2022) afirma que a presença de vozes diversas é condição indispensável para a construção do leitor literário crítico e sensível às múltiplas experiências humanas, reforçando a relevância dessa pluralidade.

Nesse cenário, a crítica literária brasileira contemporânea destaca a importância de compreender a Literatura Infantojuvenil como campo artístico e discursivo. Coelho (2018) explica que a Literatura Infantil não deve ser vista apenas como extensão pedagógica, mas como arte capaz de produzir encantamento e reflexão. Assim, ao valorizar a dimensão estética e simbólica, o Brasil avança para uma compreensão mais ampla da literatura destinada às crianças e aos jovens.

Do ponto de vista histórico, o percurso da Literatura Infantojuvenil no Brasil revela uma busca contínua por identidade e autonomia. Desde as primeiras adaptações estrangeiras até a produção atual, nota-se a construção de um campo literário comprometido com a infância real, com a diversidade e com a formação leitora. Como sintetiza Gonçalves (2023), a Literatura Infantojuvenil brasileira do século XXI é marcada pela multiplicidade de vozes e por intenso diálogo com temas contemporâneos, evidenciando a vitalidade e relevância desse segmento.

A Literatura Infantojuvenil no Brasil evoluiu de forma significativa, acompanhando transformações sociais, políticas e culturais do país. Hoje, caracteriza-se por sua diversidade estética, pela multiplicidade de representações e pelo compromisso com a formação leitora crítica e sensível. Essa evolução demonstra que o Brasil possui tradição sólida, renovada constantemente pela presença de autores, ilustradores, pesquisadores e mediadores comprometidos com a infância e com a potência transformadora da literatura.

### **3 A IDENTIDADE: Perspectivas clássicas e contemporâneas**

A discussão sobre identidade acompanha a própria constituição das ciências humanas e sociais, revelando-se um tema complexo, dinâmico e atravessado por múltiplas dimensões. A identidade não é uma condição fixa, natural ou estável; ao contrário, constitui-se nas interações sociais, culturais, históricas e subjetivas que marcam a vida dos indivíduos e dos grupos. Assim, compreender a identidade implica reconhecer que ela é fruto de processos contínuos de construção, desconstrução e reconstrução ao longo do tempo.

Do ponto de vista psicológico, um dos principais pensadores a se debruçar sobre o tema foi Erik Erikson, cuja teoria do desenvolvimento psicossocial revolucionou a forma de compreender a formação da identidade. Para Erikson (1976), a construção identitária está relacionada a um conjunto de crises vividas pelo indivíduo ao longo de seu desenvolvimento, especialmente na adolescência, fase na qual ocorre o conflito entre identidade e confusão de papéis. Segundo o autor, a identidade é vivida como uma sensação acumulada de quem se é e de quem se deseja ser. Nesse sentido, a identidade assume caráter processual, articulando elementos internos como psicológicos e externos como os aspectos sociais, que orientam a formação do sujeito.

A partir de uma perspectiva sociocultural, Stuart Hall é um dos autores mais influentes no debate contemporâneo sobre identidade. Para Hall (2006), as identidades modernas, antes percebidas como estáveis e coerentes, passaram a fragmentar-se em consequência das transformações sociais, econômicas e culturais da modernidade tardia. Em sua visão, não se pode falar em uma identidade única e fixa, mas sim em identidades múltiplas, provisórias e contextuais. Hall (2006, p. 13) afirma que “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais”. Desse modo, a identidade é sempre construída, nunca dada, e está profundamente ligada às relações de poder e às representações sociais.

O sociólogo Zygmunt Bauman, ao analisar o fenômeno da modernidade líquida, amplia essa reflexão ao argumentar que as identidades, assim como as instituições sociais, tornaram-se fluidas, instáveis e marcadas pela impermanência. Bauman (2001) aponta que, em uma sociedade líquida, os indivíduos são pressionados a reinventar-se constantemente, já que as referências que antes orientavam a vida

social como família, trabalho e comunidade perderam estabilidade. O autor observa que a identidade é uma tarefa e permanece uma tarefa para todo o sempre, destacando o caráter incerto e mutável da vida contemporânea. Assim, a identidade passa a ser construída em meio a fluxos, rupturas e demandas por flexibilidade, o que intensifica sentimento de insegurança e busca por pertencimento.

A partir desses autores clássicos, torna-se evidente que a identidade é um fenômeno multidimensional. Porém, autores contemporâneos ampliam esse debate, incorporando discussões sobre diversidade, cultura digital, globalização e políticas identitárias. Hoje, a identidade não pode ser analisada separadamente das transformações tecnológicas e comunicacionais que moldam as relações sociais. A expansão das redes sociais, por exemplo, produz novas formas de autoapresentação, visibilidade e reconhecimento. Turkle (2011) destaca que, na cultura digital, os sujeitos podem construir múltiplas versões de si mesmos, negociando suas identidades em espaços públicos e privados simultaneamente. Essas práticas revelam a coexistência de identidades fragmentadas e performativas.

No campo dos estudos culturais e sociais, autores como Manuel Castells (2013) analisam a relação entre identidade e sociedade em rede. Para Castells, as identidades contemporâneas emergem de processos de construção que envolvem resistência, legitimidade e projeto. Em uma sociedade conectada, as identidades coletivas tornam-se importantes na medida em que grupos buscam afirmar suas diferenças e reivindicar direitos. Essa abordagem também dialoga com os debates sobre multiculturalismo e interculturalidade, nos quais a identidade assume papel central na luta por reconhecimento.

No campo educacional, compreender a identidade é fundamental para promover práticas inclusivas e sensíveis às diferenças. A escola, como espaço de socialização, desempenha papel central na construção das identidades individuais e coletivas, possibilitando o reconhecimento das diversidades culturais, étnicas, linguísticas e subjetivas. Conforme Dubar (2005), a identidade profissional e escolar é sempre construída na relação com o outro, sendo resultado de negociações contínuas entre expectativas sociais e trajetórias pessoais. Dessa forma, refletir sobre identidade no contexto educacional significa considerar como os sujeitos se percebem, se expressam e são reconhecidos em seus diversos pertencimentos.

Assim, destaca-se que a identidade na contemporaneidade se caracteriza pela multiplicidade, fluidez e constante transformação. Enquanto Erikson enfatiza a

dimensão psicossocial e o desenvolvimento pessoal, Hall e Bauman destacam os impactos das mudanças socioculturais e da globalização. Autores recentes, por sua vez, ampliam a discussão ao incorporar elementos da cultura digital, das relações de poder e das políticas de reconhecimento. Dessa forma, pensar a identidade hoje é reconhecer sua complexidade, sua historicidade e sua profunda relação com os contextos sociais nos quais os sujeitos estão inseridos. Compreender tais aspectos é essencial para a produção de práticas sociais, culturais e educacionais que valorizem a diversidade e o respeito às diferentes formas de ser e existir no mundo.

#### 4 LYGIA BOJUNGA: Vida, obra e contribuições para a literatura infantil e juvenil

A Literatura Infantil e Juvenil brasileira viveu fases distintas ao longo de sua formação, mas poucas autoras contribuíram tanto para sua renovação estética quanto Lygia Bojunga Nunes, reconhecida internacionalmente por uma escrita que reinventa a infância, dialoga com o simbólico e desafia fronteiras literárias. A obra de Bojunga combina fantasia, crítica social, lirismo e profundo respeito à subjetividade infantil, tornando-a uma das escritoras mais relevantes da contemporaneidade. Segundo Coelho (2000), a autora integra uma geração que libertou a literatura infantil do didatismo e da função pedagógica rígida, transformando-a em criação literária plena.

Figura 1 – Lygia Bojunga<sup>1</sup>



Lygia Bojunga nasceu em 26 de agosto de 1932, no Rio de Janeiro. Desde pequena demonstrou sensibilidade artística e forte imaginação. Durante a infância, viveu entre o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul, experiências que ampliaram sua percepção da diversidade cultural e humana. Ainda adolescente, decidiu seguir carreira no teatro, tornando-se atriz e rádio-atriz. Essa formação influenciaria profundamente sua forma de narrar.

---

<sup>1</sup> **Fonte:** <https://www.clickideia.com.br/porta/conteudos/c/30/21260>

Regina Zilberman (2020) destaca que Bojunga herdou do teatro a expressividade dos diálogos e o dinamismo das cenas, algo claramente perceptível em obras como *Os Colegas* e *A Bolsa Amarela*. A vivência teatral lhe proporcionou domínio da oralidade, ritmo e construção dramática, elementos presentes em sua prosa.

Depois do teatro, trabalhou como professora, roteirista e produtora de televisão, até que, em 1972, publicou seu primeiro livro, “*Os Colegas*”, que recebeu o Prêmio Jabuti e inaugurou seu reconhecimento nacional. Anos depois, criou sua própria editora, a “*Casa Lygia Bojunga*”, como forma de manter autonomia estética.

Para Lajolo e Zilberman (2019), a independência editorial de Bojunga é parte inseparável de sua postura artística, reforçando a coerência de seu projeto literário. A partir da década de 1980, sua obra ganhou destaque internacional, e em 1982, Bojunga tornou-se a primeira autora não europeia a ganhar o Prêmio Hans Christian Andersen, considerado o “Nobel da literatura infantil”. Em 2004, recebeu também o *Astrid Lindgren Memorial Award*, reafirmando sua importância no cenário mundial.

A escrita de Lygia Bojunga rompe com convenções tradicionais da literatura infantil, integrando elementos de realismo, fantasia, simbolismo e crítica social. Pesquisadores identificam características próprias que tornam sua obra singular. A fusão entre realidade e fantasia é uma das marcas centrais de sua obra. Segundo Hunt (2010), a Literatura Infantil contemporânea transita entre mundos simbólicos e concretos para expressar conflitos humanos. Essa afirmação se ajusta perfeitamente a Bojunga, cuja escrita permite que objetos falem, sentimentos ganhem forma e espaços imaginários se tornem instrumentos de reflexão.

Em *A Casa da Madrinha*, por exemplo, o menino órfão encontra na fantasia um modo de lidar com dores sociais profundas, como pobreza, abandono e exploração. Coelho (2000) observa que a fantasia, em Bojunga, nunca é fuga, mas criação de um espaço crítico.

Bojunga se destaca também por reconhecer a criança como sujeito pleno. Para ela, a infância é marcada por conflitos reais, questionamentos profundos e busca por autonomia. Em *A Bolsa Amarela*, a protagonista lida com seus “três desejos proibidos”: crescer, ser menino e ser escritora. De acordo com Lajolo (2019), Bojunga legitima a voz da criança ao permitir que ela narre suas próprias inquietações. Essa subjetividade dá profundidade psicológica às personagens, levando leitores infantis e adultos a refletirem sobre liberdade, identidade e desejos.

Diferentemente de uma Literatura Infantil que evita temas difíceis, Bojunga trata de questões como morte, abandono, desigualdade, violência familiar, adoção e busca de identidade. Para Zilberman (2020), Bojunga não subestima o leitor, confia na capacidade da criança de compreender a complexidade humana. Em *Corda Bamba*, por exemplo, a protagonista enfrenta memórias traumáticas e tenta reconstruir sua identidade após a perda dos pais. A narrativa sensível e fragmentada cria uma metáfora poderosa para o processo de amadurecimento.

A linguagem de Bojunga é marcada pelo lirismo. Sua escrita utiliza metáforas, simbolismos e musicalidade, aproximando sua prosa do poético. Coelho (2000) ressalta que a autora escreve com leveza e profundidade, alcançando o poético sem abandonar a narrativa. O uso de símbolos, como *A bolsa amarela*, *O sofá estampado* e *A casa mágica* revelam a presença de uma escrita que transforma objetos em representações da subjetividade.

Destaca-se que as estruturas narrativas são consideradas inovadoras como a presença de recursos como: narradores múltiplos, fragmentação temporal, metanarratividade e diálogo com o ato de escrever. Segundo Hunt (2010), esse tipo de construção faz com que sua obra dialogue com a literatura pós-moderna, aproximando leitores de processos criativos e reflexões meta-literárias.

Isto é, construção narrativa presente em obras como as de Lygia Bojunga aproxima-se da literatura pós-moderna porque rompe com estruturas lineares e convencionais de *storytelling*. Esse tipo de construção valoriza a metanarrativa, ou seja, o texto reflete sobre si mesmo, sobre o próprio ato de escrever, convidando o leitor a perceber que a história é também uma criação consciente do autor. Ao fazer isso, a obra estimula o leitor a se envolver ativamente no processo criativo, questionando a relação entre realidade e ficção, entre autor, personagem e leitor. Dessa forma, a narrativa não é apenas um enredo para ser consumido, mas um espaço de reflexão crítica, onde o leitor pode pensar sobre os mecanismos literários, os significados e as escolhas narrativas, aproximando-o de discussões sobre estética, ética e identidade.

A produção literária de Lygia Bojunga é extensa, reunindo mais de 20 obras, muitos de seus livros foram reconhecidos com prêmios nacionais e internacionais. Entre suas obras, destacam-se aquelas que marcaram a Literatura Infantojuvenil brasileira cada livro apresenta temas relevantes como identidade, liberdade e crítica

social. Dentre os mais significativos, é possível citar algumas obras emblemáticas de sua carreira. Entre os mais significativos, são:

Quadro 1 – Principais obras de Lygia Bojunga

Título	Descrição
Os Colegas (1972)	Livro de estreia que combina humor, crítica social e antropomorfismo. Animais protagonistas questionam papéis sociais e buscam seus sonhos. É considerado inovador pela mistura de teatro e narrativa literária.
A Bolsa Amarela (1976)	Talvez a obra mais conhecida da autora. Trata de identidade, liberdade e desejo. Através de uma narrativa carregada de simbolismos, a protagonista questiona normas sociais. Para Candido (2004), o livro representa uma virada ética e estética na literatura infantil brasileira.
A Casa da Madrinha (1978)	Considerada por muitos críticos sua obra-prima. Fala de desigualdade social, sonhos e resistência através da fantasia. Zilberman (2020) aponta que a obra sintetiza o engajamento social e o lirismo característicos de Bojunga.
Corda Bamba (1979)	Explora trauma, memória e reconstrução identitária através de uma metáfora circense. A escrita fragmentada reflete a subjetividade da protagonista.
O Sofá Estampado (1980)	Narrativa que mistura realidade, fantasia e metalinguagem. Reflete sobre criação artística e a relação entre memória e imaginação.

Fazendo Ana Paz (1987)	Uma obra metanarrativa que questiona a criação literária e a construção da personagem.
------------------------	--

**Fonte:** Adaptação dos estudos de Coelho (2000)

A trajetória literária de Lygia Bojunga revela uma constante preocupação com a infância, a subjetividade e a crítica social, apresentada de forma inovadora em cada obra. Seu livro de estreia, *Os Colegas* (1972), combina humor, crítica social e antropomorfismo, utilizando animais como protagonistas para questionar papéis sociais e a busca pelos sonhos, sendo reconhecido pela originalidade ao mesclar teatro e narrativa literária.

Em *A Bolsa Amarela* (1976), talvez sua obra mais conhecida, a autora aprofunda a reflexão sobre identidade, liberdade e desejo, utilizando simbolismos para que a protagonista questione normas sociais; Candido (2004) destaca essa obra como um marco ético e estético na literatura infantil brasileira.

Já *A Casa da Madrinha* (1978), considerada por muitos críticos sua obra-prima, aborda desigualdade social, sonhos e resistência por meio da fantasia, sintetizando o engajamento social e o lirismo característicos de Bojunga, conforme Zilberman (2020). *Corda Bamba* (1979) explora trauma, memória e reconstrução identitária utilizando a metáfora circense, enquanto sua escrita fragmentada reflete a subjetividade da protagonista. Em *O Sofá Estampado* (1980), a autora mistura realidade, fantasia e metalinguagem, refletindo sobre a criação artística e a relação entre memória e imaginação.

E, *Fazendo Ana Paz* (1987) apresenta uma narrativa metanarrativa, questionando a própria criação literária e a construção da personagem, consolidando o caráter inovador e reflexivo de Bojunga em toda sua obra. Dessa forma, observa-se uma evolução temática e estética que combina fantasia, crítica social e reflexão ética, constituindo a literatura infantil brasileira como espaço de construção de identidade, resistência e criatividade.

Percebe-se que as obras de Bojunga são influenciadas tanto por tradições brasileiras quanto por elementos internacionais. É possível identificar ecos de: Monteiro Lobato e seu imaginário infantil brasileiro; Gabriel García Márquez e o realismo mágico; Roald Dahl e sua fantasia crítica; e pelo teatro brasileiro, cuja oralidade e construção de diálogos são representativos na sociedade.

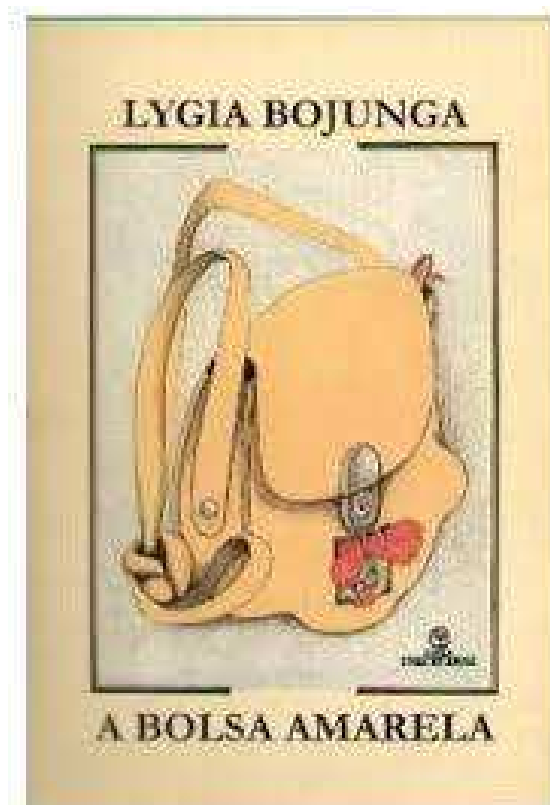
Segundo Coelho (2000) e Candido (2004), enfatizam que Bojunga renova a Literatura Infantil ao unir poesia, crítica e imaginação. A sua escrita constrói leitores críticos, sensíveis e capazes de enfrentar temas difíceis. Seu impacto extrapola o campo literário, influenciando práticas educativas, pesquisas acadêmicas e políticas de formação de leitores. Hoje, Lygia Bojunga é estudada como autora canônica, sendo objeto de teses, dissertações e coleções críticas.

Para Hunt (2010), Bojunga está entre os autores que redefiniram a Literatura Infantil mundial ao integrar profundidade psicológica e estética sofisticada. Sua contribuição é tão significativa que, segundo Zilberman (2020), sem Bojunga, a Literatura Infantil brasileira não teria alcançado o nível artístico e crítico que possui hoje.

## 5 ENREDO DA OBRA *A BOLSA AMARELA* E SEUS PRINCIPAIS PERSONAGENS: Segundo Lygia Bojunga

Segundo Bojunga (2010) *A Bolsa Amarela* conta a história de Raquel, uma menina sensível, criativa e com uma imaginação muito fértil, que enfrenta dificuldades para expressar seus desejos porque vive em um ambiente onde adultos impõem regras rígidas sobre o que “uma menina pode ou não pode”. Sentindo-se reprimida, ela carrega dentro de si três grandes vontades secretas: Vontade de crescer (para poder ser ouvida); Vontade de ter nascido menino (pela liberdade que observa nos irmãos) e Vontade de se tornar escritora (porque ama inventar histórias).

Figura 2 – Obra *A Bolsa Amarela*<sup>2</sup>



Sem ter com quem conversar sobre isso, Raquel encontra uma solução simbólica: ganha de sua tia uma bolsa amarela, onde passa a guardar suas vontades escondidas. Essa bolsa torna-se um espaço mágico, afetivo e imaginário, onde

---

<sup>2</sup>Fonte: [https://www.travessa.com.br/a-bolsa-amarela/artigo/fc3d78ba-bf8e-4e95-bc2c-d921150e0de3?srsItd=AfmBOopZQUvOZjEgebyqnmksXQ8DnnKXeRhgPW4s8O26NdW8UNkN\\_eVh](https://www.travessa.com.br/a-bolsa-amarela/artigo/fc3d78ba-bf8e-4e95-bc2c-d921150e0de3?srsItd=AfmBOopZQUvOZjEgebyqnmksXQ8DnnKXeRhgPW4s8O26NdW8UNkN_eVh)

objetos e personagens ganham vida. A partir daí, Raquel vive encontros fantásticos que a ajudam a pensar sobre identidade, liberdade, autonomia e expressão dos próprios desejos.

Dentro da bolsa, ela conhece figuras como o Galo Afonso, o Alfinete de Fralda, o Guarda-Chuva, entre outros. Esses personagens representam questões da vida dela e ajudam Raquel a compreender que ter vontades não é errado – e que crescer envolve assumir quem se é. Ao longo da narrativa, Raquel questiona padrões, confronta desigualdades entre meninos e meninas, e aprende a expressar seus desejos. O livro termina com ela mais segura, mais dona de si e reconhecendo que não precisa esconder suas vontades.

Assim destaca-se os principais autores como Raquel, como protagonista da história, é uma menina inteligente, sensível e criativa, que se sente reprimida dentro da família. Guarda suas três vontades secretas na bolsa amarela. Representa a busca pela identidade, autonomia e voz própria; A Bolsa Amarela, que é mais do que um objeto, funciona como espaço simbólico e mágico; O Galo Afonso, um galo que deseja a liberdade, vivendo conflitos parecidos com os de Raquel. Representa a luta pela realização dos próprios sonhos e a dificuldade de ser aceito quando se deseja algo diferente do esperado pelos outros.

Assim como também se destacam: O Alfinete de Fralda, que simboliza apoio, proteção e coragem para enfrentar obstáculos; O Guarda-Chuva, traz mensagens sobre segurança e acolhimento, representando a ideia de proteção emocional; Os irmãos de Raquel, representam as limitações que Raquel percebe em ser menina. A forma como tratam Raquel mostra as desigualdades de gênero presentes no universo infantil e familiar. E os adultos da família (pais, avós e tia), cada um representa uma forma diferente de autoridade. Alguns impõem regras rígidas; outros, como a tia que dá a bolsa, oferecem apoio e liberdade.

## 6 ANÁLISE DA OBRA A BOLSA AMARELA E SUA RELAÇÃO COM A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

Sabe-se que o livro narra a trajetória de Raquel, uma menina de dez anos, a mais nova entre três irmãos, que vive com seus pais. Por ser a caçula, Raquel se sentia incompreendida e silenciada dentro do núcleo familiar e a faz refletir os motivos pelos quais constantemente era tratada assim, despertando nela o desejo de ser grande, para ela, apenas tornando-se grande seria possível ser ouvida, conquistar um espaço e ter suas opiniões valorizadas. Além de ser grande, Raquel possuía outras duas grandes vontades:

Faz tempo que eu tenho vontade de ser grande e de ser homem. Mas foi só no mês passado que a vontade de escrever deu pra crescer também. A coisa começou assim: Um dia fiquei pensando o que é que eu ia ser mais tarde. Resolvi que ia ser escritora. Então já fui fingindo que era. Só pra treinar. (Bojunga, 2010, p. 12).

O trecho evidencia com clareza os conflitos internos vivenciados por Raquel que são decorrentes da ausência desse laço familiar que corrói os desejos naturais do processo de formação da criança. Os desejos de ser “homem” e ser “grande” não correspondem a mudanças físicas ou de gênero, mas descreve o desejo de liberdade dos quesitos sociais, o anseio de posicionamento em determinadas situações, traduz o desejo da criança de estar em posições nas quais ainda não estão impostas a elas.

Entretanto ainda se observa no trecho a presença destaque da construção da identidade, os desejos que nascem do coração de uma criança são partes fundamentais que caracterizam suas subjetividades e fazem parte da sua identidade. Raquel deseja ser escritora, “[...] então já fui fingindo que era. Só pra treinar [...]” (Bojunga, 2010, p.10). O imaginário, em grande parte na vida de uma criança, é responsável pelo florescimento de uma paixão correspondente daquilo que quer para futuro, é por meio das fantasias, do brincar e do fingir que ela ensaia esses papéis sociais. Neste caso, a imaginação se torna um aliado daquilo que Raquel gostaria de ser.

Ainda no primeiro capítulo foi presenciado o escape da realidade e da sua família autoritária, quando a protagonista busca no imaginário um refúgio para suas vontades que estavam a engordar, então neste contexto, ela escreve suas primeiras cartas ao seu amigo imaginário André, com quem passa a conversar “[...] Prezado

André, ando querendo bater um papo. Mas ninguém tá a fim [...]” (Bojunga,2010) serve de aparato para ausência de diálogos em sua casa.

Os conflitos geram em Raquel uma crise de identidade, fenômeno que dialoga diretamente com as ideias de Bauman (2001). Para ele a identidade moderna se dá pela instabilidade e pela necessidade contínua de reconstrução, pois o indivíduo busca se encaixar nos diversos lugares sociais que desejam. É isso que observamos em a Bolsa Amarela, as três vontades de Raquel se manifestam das posições sociais que a rejeitam. Seus desejos buscam moldar a sua identidade conforme os espaços que lhe cabem identificar ao seu redor. Hall (2006) ainda contribui ao afirmar que sua identidade não é fixa, mas se constrói em conformidade com o contexto em que está inserida, pois é neste meio de narrativas que Raquel se encontra e se constrói a partir das narrativas que elabora.

Sua família contribuía com sua fragmentação de identidade desde o silenciamento, desqualificação de infância, e as falas que a desmereciam. Como afirma o trecho:

Querido André quando eu nasci minhas duas irmãs e meu irmão já tinham mais de dez anos. Fico achando que é por isso que ninguém aqui em casa tem paciência comigo: todo o mundo já é bem grande há muito tempo, menos eu. Não sei quantas vezes eu ouvi minhas irmãs dizendo: “A Raquel nasceu de araque.” “A Raquel nasceu fora de hora. A Raquel nasceu quando a mamãe já não tinha mais condições de ter filho.” Tô sobrando, André. Já nasci sobrando. É ou, não é? Um dia perguntei pra elas: “Por que é que a mamãe não tinha mais condições de ter filho?” Elas falaram que a minha mãe trabalhava demais, já tava cansada, e que também a gente não tinha dinheiro pra educar direito três filhos, quanto mais quatro (Bojunga, 1993, p. 12).

O fragmento revela a formação do desenvolvimento psicológico da personagem, dos quais são marcados pelas falas e comportamento dos membros familiares. “já nasci sobrando” e “nasceu de araque” traçam nela a exclusão e o sentimento de não pertencimento, vindo dela mesma e da família por fatores que envolvem números – idades. As falas das irmãs também descredibilizam seu caráter como criança e como discurso afeta a visão de si mesma “[...] não adianta, André: gente grande não entende a gente. E então é melhor eu nem te escrever mais [...]” e “[...] e eu comecei a desconfiar que a gente ser escritora quando é criança não dá pé. Desisti de escrever a carta [...]” (Bojunga, 2010).

Outro ponto a ser destacada as condições financeiras e emocionais com a chegada de outra criança presentes na fala das irmãs. Essas evidências exploram a

carga da maternidade e o contexto econômico que influencia na dinâmica entre a família e as vivências emocionais da criança. Aqui, a autora trata dos elementos psicológicos e sociais da infância de Raquel.

Diante dessa repreensão, ela usa imaginação como um espaço de liberdade, onde escreve um Raquel escreve um romance onde protagoniza o personagem Rei, um galo que vive em um galinheiro e foi criado somente para mandar, como já diz seu nome. A construção desse personagem metafórico cria um paralelo de seus desejos, pois é nele que Raquel projeta as suas ações e as atitudes das quais gostaria de tomar, enquanto Rei ocupa o lugar de respeito.

A posição de sua família em relação seu romance, “[...] e o pior é que eles não estavam rindo só da história: tavam rindo de mim também, e das coisas que eu pensava [...]” (Bojunga, 2010, p.20).

Se o pessoal vê as minhas três vontades engordando desse jeito e crescendo que nem balão, eles vão rir, aposto. Eles não entendem essas coisas, acham que é infantil, não levam a sério. Eu tenho que achar um lugar para esconder as três: se tem uma coisa que eu não quero é mais ver gente grande rindo de mim (Bojunga, 2010, p.21).

Raquel compreende que neste momento não tem o apoio familiar, em falar sobre suas vontades. Aqui, a autora crítica o silenciamento na infância. É nesse contexto que surge a Bolsa Amarela, um lugar que ela finalmente pode guardar seus desejos e que ninguém vai olhar.

Na obra de Lygia Bojunga, e ainda no primeiro capítulo, o desejo de ser menino apontado na obra é uma crítica da autora a liberdade de gênero e patriarcalismo presentes na sociedade. Raquel reconhece que ser menino há mais regalias e privilégios, possuem certo respeito social, neste sentindo ela visualiza um espaço no qual pudesse conquistar se fosse menino. O trecho “[...]É, sim. Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode [...]” (Bojunga, 2010, p.16) reproduz sua insatisfação das limitações impostas.

É neste contexto que Raquel ganha a Bolsa Amarela da tia Brunilda que possui se valor simbólico na narrativa. A bolsa ignorada por todos na casa por sua chamativa cor amarelo chamativo e seu tamanho, onde faz dela seu refúgio pessoal, seu espaço secreto onde poderá guardar suas vontades e desejos reprimidos sem que ninguém mais possa bisbilhotar. Metaforicamente, a bolsa passa a assumir a função de seu inconsciente, guardando aquilo que não pode ser expresso no mundo externo.

Suas narrativas como construção dialoga com o conceito vigotskiano, uma vez que são produzidas por meio da imaginação, e é neste meio que Raquel busca organizar seus pensamentos. O autor destaca que a imaginação não é apenas uma mera comunicação, mas um aprimoramento de subjetividade e desenvolvimento. Sua imaginação se volta para os amigos imaginários e a bolsa em que consiste em construir para si um mundo paralelo do qual não pode no mundo real e desenvolve neles suas habilidades que serão construídas futuramente.

[...] a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a sua imaginação. Eis porque a imaginação da criança é mais pobre que a do adulto, o que se explica pela maior pobreza de sua experiência (Vygotsky, 2018, p. 24).

O autor compreende que a construção da imaginação se dá pelas experiências vividas diariamente, transformando-se em material que contribui para o alicerce fantasioso. Ou seja, ela não surge espontaneamente, mas é necessário um repertório de recursos que contribua nesse processo, que vá desde ouvir, ver, sentir. Contudo, se associarmos as experiências de uma criança a de um adulto, perceberemos que ela possui de certa forma um número menor de experiências. Partindo desta ideia, destaca que os adultos se tornam responsáveis pela educação da criança, é através dessa rede de apoio que ela expandirá suas experiências proporcionando mais recursos imaginários.

E o ato de imaginar e criar, mesmo que uma simples cena, trabalha na criança diversos fatores que incluem associação de linguagem e pensamento, isso permite a criação de cenários fictícios, nelas são inseridos elementos culturais e de memórias intercalando entre si os elementos simbólicos ligados a cada um, denominada de atividade criadora. Desta forma, a imaginação não se dá de forma isolada, mas de como o comportamento, atividades e acúmulos de experiências (Vygotsky, 2018).

Assim, baseado em suas experiências baseadas pela sua família, Raquel se constrói a partir de suas imaginações e cria seu mundo na Bolsa Amarela, onde aprende sozinha a lidar com suas vontades. A bolsa amarela que possuía bolsos de diversos formatos, era perfeito para que ela pudesse guardar os demais personagens que aparecem no decorrer da trama, se torna a ponte para que ela possa reconhecer

a si mesma, dando suporte emocional para enfrentar os obstáculos do dia a dia. Essa simbologia se reforça no momento em que a personagem afirma:

Comecei a pensar em tudo que eu ia esconder na bolsa amarela. Puxa vida, tava até parecendo o quintal da minha casa, com tanto esconderijo bom, que fecha, que estica, que é pequeno, que é grande. E tinha uma vantagem: a bolsa eu podia levar sempre a tiracolo, o quintal não [...]pronto! a arrumação tinha ficado legal. Minhas vontades estavam presas na bolsa amarela, ninguém mais ia ver a cara delas (Bojunga, 2010, p. 28).

Ao analisar ainda mais a bolsa, como afirma Queiroz e Calda “percebemos que a bolsa tem uma cor muito significativa para a personagem “[...] pra mim amarelo é a cor mais bonita que existe[...]” (Bojunga, 2010, p.27) a cor amarela muito associada a criatividade, aqui, simboliza a força da protagonista, que diante dos conflitos estabelecidos ela não as deixa regredirem.

O Galo Afonso, que a princípio se chamava Rei, tinha seu personagem representado por ser chefe de um galinheiro, onde ordenava as galinhas o que fazer “[...] Elas achavam que era melhor ter um dono mandando o dia inteiro: faz isso! Faz aquilo! Bota um ovo! Pega uma minhoca! Do que ter que resolver qualquer coisa. Diziam que pensar dá muito trabalho!” (Bojunga, 2010, p.35) não era esse a vida que ele queria seguir, não queria passar o resto de sua vida dizendo o que fazer ou não as outras galinhas. Dito isto ele resolve fugir e buscar uma nova identidade da qual conseguia se identificar.

Ele representa a busca por sua autonomia e ao mesmo tempo crítica o papel tradicional que foi lhe imposto seguido de geração em geração, ligados a ideia de que o filho já nasce com seu próprio destino atrelado a estrutura patriarcal. Quando ligados a protagonista discutimos os dois caminhos: A estrutura patriarcal presente no galinheiro, onde Rei galo assume o posto de chefe e a liberdade de escolha a busca pelo direito de escolher qual caminho seguir. Neste sentido as ideias entre Afonso e Raquel se entrelaçam, uma vez que a questão de gênero e idade e a fuga de ambos se assemelham, e toda sua trajetória é designada pela narradora.

Na obra de Lygia Bojunga, a protagonista Raquel e as personagens secundárias, o galo Afonso, a Guarda-chuva e o Alfinete de Fralda, são do tipo individualidade, pois representam o ser humano com toda a sua subjetividade e contradições (Padilha; Gomes, 2005, p.11).

O Fecho que combina de enguiçar traduz as limitações de seus desejos “[...] se isso acontecer você precisa enguiçar enguiça, viu? Você enguiça quando eu pensar “enguiçar!”, enguiça?” (Bojunga, 2010, p.29). Ela cria um limite entre os dois mundos, estabelecendo o controle sobre suas vontades não deixando transparecer. A ruptura simboliza o momento de encarar seus desejos e seguir o seu próprio caminho e sua construção, ou seja, não cabia mais reprimi-lo.

O guarda chuva, outro personagem que faz morada na bolsa de Raquel simboliza o apoio, apresenta a figura de proteção, acolhimento. Principalmente nos momentos de fragilidade da protagonista, coisas que ela imaginava possuir somente na maioria:

Parei e olhei bem pra cara da Guarda-chuva. Ela era uma graça; e era coisa boa, bem feita, parecia até que tinha sido guarda-chuva da tia Brunilda. - Muito obrigada, viu, Afonso? Eu pensei que só ia ter uma guarda-chuva assim no dia que eu fosse grande (Bojunga, 2010, p. 70).

O personagem terrível que aparece no meio da narrativa, primo e Afonso, é descrito como um galo bom de briga. O ponto central desde personagem designa o destino e a opressão, uma vez que seu pensamento foi costurado com linha forte na sua cabeça, para que seus pensamentos voltassem apenas em brigar e ganhar. Seu destino é imposto por seu antigo dono do galinheiro, que faz negar sua verdadeira natureza de pensar e seguir um caminho a força. A costura representa o autoritarismo que molda o indivíduo para se encaixar nos padrões sociais, no caso dele, o violento. Ele pode ser traçado com sua família que impunha sobre si situações por ser criança.

Uma dessas situações acontecem no apartamento da tia Brunilda, durante um almoço, no qual Raquel não gostaria de comparecer. O ambiente a obrigava a se impor contra suas vontades e se encaixar nos agrados da família, como; comer bacalhoadada da qual não gosta “[...] bobagem da Raquel, ela gosta sim – meu pai falou [...]...[...] olhei para minha mãe e ela fez cara de quem diz: ‘não cria caso, sim Raquel?’” (Bojunga, 2010, p.66). Raquel nem se quer podia se expressar ou decidir o que queria. Cantar para sua tia, quando nem mesmo sua família fazia questão. Ao não respeitar seus limites, as vontades de Raquel crescem descontroladamente desencadeando uma explosão e finalmente esvazia a bolsa amarela.

Após o ocorrido na residência da tia Brunilda, Raquel reescreve a história de “Terrível” e percebe que a vontade de ser escritora permanece firme em seu

consciente. Esse episódio evidencia que, apesar das frustrações e das imposições externas, a protagonista mantém a essência de seus desejos mais profundos. A explosão emocional diante da repressão familiar não representa perda de identidade, mas sim o reconhecimento de que seus anseios tinham sido silenciados. Nesse sentido, a narrativa demonstra como conflitos e tensões no ambiente familiar funcionam como catalisadores para a tomada de consciência e fortalecimento da subjetividade infantil, permitindo que Raquel compreenda seus desejos de forma mais clara e autônoma.

A reescrita da história simboliza a apropriação da própria narrativa, mostrando que a literatura é um instrumento de autoafirmação e construção de identidade. Como afirma Ferreira (2021), que a criança, ao criar e recriar histórias, estabelece um espaço de liberdade e reflexão, capaz de questionar normas sociais e familiares, sem perder a conexão com seus valores internos. Da mesma forma, Souza e Lima (2020) enfatizam que o ato de escrever funciona como uma estratégia de resistência simbólica, permitindo que a criança enfrente e reorganize experiências emocionalmente carregadas, promovendo a consolidação de sua individualidade e autonomia.

Portanto, o episódio na casa da tia Brunilda não é apenas um conflito passageiro, mas um marco na trajetória de Raquel, evidenciando como a literatura, a imaginação e a escrita se entrelaçam na construção de sua identidade. Ao reconhecer e externalizar seus desejos, a personagem reafirma a importância da autoexpressão e do espaço simbólico proporcionado pela bolsa amarela, consolidando a obra como um estudo significativo sobre o processo de formação subjetiva e a construção da identidade infantil na literatura brasileira.

Assim, observa-se que *A Bolsa Amarela* (1976) é um marco da Literatura Infantojuvenil brasileira e narra a trajetória de Raquel, uma menina que guarda dentro de sua bolsa amarela desejos profundos: crescer, escrever e ser menino. Esses desejos simbolizam a busca da protagonista por autonomia, liberdade de expressão e construção de identidade. A obra vai além da infância idealizada, revelando conflitos internos, repressões sociais e a importância da imaginação para a formação subjetiva da criança.

De acordo com Ferreira (2021), a narrativa proporciona ao leitor uma reflexão crítica sobre os papéis sociais e familiares impostos à infância, tornando-se uma ferramenta pedagógica e literária relevante para o desenvolvimento da consciência

crítica. O objetivo desta análise é compreender como *A Bolsa Amarela* contribui para a construção de identidade infantil, considerando aspectos relacionados à imaginação, gênero e empoderamento crítico.

A obra constrói um diálogo constante entre realidade e imaginação, onde a bolsa amarela funciona como um espaço simbólico em que Raquel deposita suas vontades e desejos reprimidos. Souza e Lima (2020) destacam que a Literatura Infantojuvenil brasileira contemporânea tem se consolidado como instrumento de formação da subjetividade, permitindo que crianças explorem sentimentos e construam identidade a partir de suas experiências internas.

A narrativa de *Bojunga* estabelece um cronotopo simbólico que possibilita a projeção identitária do leitor, promovendo reflexão e identificação com os conflitos da personagem (Costa, 2019). O uso de metáforas, personagens imaginários e situações fantásticas permite que a criança compreenda que a identidade não se limita às expectativas externas, mas é construída a partir de seus desejos e experiências subjetivas.

Um dos elementos centrais da obra é o desejo de Raquel de ser menino, que evidencia a crítica da autora aos papéis de gênero tradicionais. Oliveira (2022) argumenta que a narrativa problematiza a repressão infantil e a pressão social para conformidade, oferecendo espaço para resistência e afirmação da identidade própria.

Nesse contexto, a bolsa amarela atua como um mecanismo de proteção simbólica, permitindo que a menina sonhe, questione e reafirme sua subjetividade. A obra tem sido utilizada em contextos escolares como ferramenta pedagógica para discutir gênero, empoderamento infantil e reflexão crítica sobre normas sociais (Santos, 2021; Martins, 2020). A personagem não apenas enfrenta os limites impostos pelos adultos, mas também cria um espaço de liberdade e autoexpressão, demonstrando que a infância é um período ativo de construção de identidade e resistência simbólica.

Além da dimensão simbólica e de gênero, *A Bolsa Amarela* desempenha um papel significativo na formação de leitores críticos. Segundo Ferreira (2021), a obra educa para a reflexão social e ética, permitindo que crianças e jovens problematizem normas, questionem autoridade e compreendam a construção de identidade de maneira autônoma. Costa (2019) reforça que a Literatura Infantojuvenil é uma ferramenta de letramento crítico, capaz de despertar a consciência sobre o próprio mundo interno e sobre as regras que regem o espaço social.

A obra possibilita que o leitor perceba a infância como um espaço vital de subjetivação, onde a imaginação e a escrita funcionam como instrumentos de liberdade, criatividade e autoexpressão. Dessa forma, Bojunga transforma a narrativa em um laboratório de experiências, no qual o leitor pode refletir sobre seus desejos, limitações e possibilidades, construindo uma percepção crítica de si mesmo e do mundo.

A Bolsa Amarela é uma obra essencial para compreender a construção da identidade infantil na literatura brasileira. Por meio da personagem Raquel e de sua bolsa de desejos, Lygia Bojunga cria um espaço simbólico de resistência, criatividade e autoexpressão, evidenciando que a identidade não é apenas moldada pelo mundo externo, mas construída a partir das experiências, desejos e escolhas internas da criança. A obra também dialoga com questões contemporâneas, como gênero, autonomia e empoderamento infantil, sendo relevante para estudos de literatura, educação e formação de leitores críticos.

O uso do livro em ambientes escolares permite que crianças reflitam sobre suas vivências, identidades e o mundo à sua volta, desenvolvendo habilidades de leitura crítica, empatia e compreensão ética. Assim, A Bolsa Amarela mantém-se atual e necessária, oferecendo insights significativos para a construção de identidades autênticas, reflexivas e conscientes, reafirmando seu papel como obra seminal da Literatura Infantojuvenil brasileira (Ferreira, 2021; Santos, 2021; Oliveira, 2022).

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da obra *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga, permite compreender como a literatura infantojuvenil brasileira é capaz de articular, por meio de metáforas sensíveis e de grande força simbólica, os conflitos subjetivos que permeiam a formação da identidade na infância. A trajetória de Raquel, marcada pelo silenciamento, pela falta de acolhimento e pela sensação de deslocamento dentro de seu próprio núcleo familiar, revela questões universais vividas por muitas crianças que ainda não encontram espaço para expressar suas vontades, preferências e modos de ser. Nesse sentido, a narrativa constrói um diálogo profundo com teorias contemporâneas da identidade, especialmente com autores como Hall (2006) e Bauman (2001), que compreendem o sujeito moderno como instável, em constante reconstrução e influenciado pelas narrativas sociais que o cercam.

Ao longo da obra, observa-se que as três vontades de Raquel: ser grande, ser menino e ser escritora, não se referem apenas a desejos isolados, mas constituem camadas simbólicas de sua busca por autonomia. Ao querer ser grande, Raquel expressa o anseio por reconhecimento; ao desejar ser menino, confronta valores patriarcais historicamente construídos; e ao aspirar ser escritora, revela a construção da imaginação como espaço de liberdade. O ato criador e a imaginação são ferramentas fundamentais para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, constituindo-se como terreno fértil para a elaboração emocional. É exatamente esse processo que Bojunga explora, mostrando que a escrita e a fantasia se tornam estratégias de resistência para a protagonista.

A função simbólica da *Bolsa Amarela* representa, de maneira contundente, o inconsciente da menina, um espaço secreto onde seus desejos reprimidos podem existir sem julgamento. A bolsa torna-se metáfora do que é sufocado socialmente, mas também do que precisa ser elaborado subjetivamente. Nela habitam personagens que materializam partes fragmentadas da própria Raquel, como o galo Afonso, o Terrível, a Guarda-chuva e o Alfinete de Fralda.

Cada um deles, à sua maneira, simboliza conflitos, medos, expectativas e forças internas que compõem o percurso identitário da protagonista. Esses elementos conferem à narrativa profundidade psicológica, aproximando-a tanto de estudos literários quanto das reflexões do campo da educação e da psicologia do

desenvolvimento, especialmente quando se considera a importância das experiências emocionais na construção do eu.

A crise identitária vivida pela protagonista, evidenciada por falas como *nasci sobrando* ou eles não me *entendem*, reflete o impacto das relações familiares sobre a autoimagem da criança. A ausência de escuta, de acolhimento e de reconhecimento fragiliza sua percepção de pertencimento. A identidade é construída pela relação do sujeito com o outro; assim, quando o outro nega o sujeito, produz fissuras que o levam à busca de novos meios de compreensão e afirmação de si. No caso de Raquel, essa reconstrução ocorre na esfera da imaginação, espaço que lhe permite reorganizar simbolicamente seu mundo e exercer certa autonomia, ainda que provisória.

A narrativa também denuncia estruturas sociais que afetam a infância, como o adultocentrismo, o autoritarismo familiar e o discurso que deslegitima os sentimentos infantis. Ao criticar, por exemplo, a frase vocês podem um monte de coisas que a gente não pode, Bojunga revela o modo como a protagonista percebe as desigualdades de gênero e as limitações impostas pelo fato de ser criança. A literatura, nesse sentido, cumpre um papel político ao dar voz a uma personagem que, no cotidiano, é silenciada, colocando em debate temas que atravessam as discussões sobre infância, subjetividade e direitos.

Outro aspecto relevante é a relação entre Raquel e seus personagens imaginários, construídos como figuras que representam tanto apoio quanto confronto. Afonso, por exemplo, encarna o desejo de autonomia; a Guarda-chuva simboliza proteção; já o Terrível traduz o peso de expectativas externas, que moldam o indivíduo por meio da violência simbólica. A luta interna da protagonista, projetada nessas figuras, evidencia sua busca por equilíbrio entre as pressões sociais e seus próprios anseios. Assim, quando Raquel finalmente enfrenta a explosão de suas vontades e reconfigura sua relação com a bolsa, ocorre uma transformação que marca o início do processo de integração entre seu mundo interno e o externo.

A obra *A Bolsa Amarela* demonstra, portanto, que a construção identitária não é linear, mas composta por rupturas, conflitos, resistências e momentos de elaboração simbólica. Bojunga apresenta uma protagonista que aprende a compreender suas vontades, reconhecer suas limitações e construir novos sentidos para sua existência. A conclusão da narrativa, em que Raquel passa a lidar de forma mais consciente com seus desejos e a ressignificar sua relação com a família e consigo mesma, evidencia a relevância da literatura como ferramenta de reflexão subjetiva.

O livro reafirma o papel da Literatura Infantojuvenil como espaço de discussão social, cultural e psicológica, contribuindo para que crianças e jovens encontrem na ficção espelhos, caminhos e possibilidades de se reconhecerem. A força da escrita de Bojunga reside, justamente, em sua capacidade de traduzir experiências subjetivas complexas em narrativas acessíveis, sensíveis e profundamente humanas. Suas personagens mesmo aquelas criadas no interior da fantasia transcendem o plano ficcional, alcançando leitores de diferentes gerações e inspirando reflexões sobre identidade, autonomia e pertencimento.

Por fim, a relação entre *A Bolsa Amarela* e o processo de construção da identidade revela não apenas o amadurecimento da protagonista, mas também a potência transformadora da literatura. A obra permite compreender que crescer é um ato que envolve confrontar limites, reconhecer afetos, enfrentar medos e, acima de tudo, aprender a ouvir e acolher as próprias vontades. Ao oferecer ao leitor esse percurso simbólico, Lygia Bojunga reafirma o valor da literatura como espaço de resistência, imaginação e formação humana.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 18. ed. São Paulo: Scipione, 2020.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOJUNGA, Lygia. **A Bolsa Amarela**. 28. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2010.
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CARVALHO, B. V. de. **A Literatura Infantil – Visão Histórica e Crítica**. 6. ed. São Paulo: Global, 1998.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil e juvenil: das origens à contemporaneidade**. São Paulo: Moderna, 2018.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria – análise – didática**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- COSTA, Marina. **Literatura infantil e construção da subjetividade: uma análise contemporânea**. São Paulo: Paulus, 2019.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **A literatura infantil: teoria e prática**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2019.
- DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ERIKSON, Erik. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- FÉLIX, Wanderly. **Literatura Infantil em Monteiro Lobato e a influência da Emília em sua obra**. 2005. Monografia (Especialização em Leitura e Formação do Leitor). Universidade Federal do Ceará, 2005.
- FERREIRA, Ana Paula. **Infância e literatura: leitura crítica e formação do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- GONÇALVES, Adriana. A evolução da literatura infantojuvenil no século XXI. **Revista Brasileira de Leitura e Literatura**, v. 5, n. 2, p. 44–60, 2023.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. De Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUNT, Peter. **Literatura infantil: da moral à imaginação**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História e História**. Editora Ática, Ed. 6. São Paulo, 2019.

MACHADO, Ana Maria. “A literatura para crianças hoje: velhos desafios, novos sentidos”. In: **Cadernos de Literatura Infantil e Juvenil**, n. 42, p. 15–30, 2020.

MARTINS, Juliana. **Gênero e infância na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: FGV, 2020.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. -3º-ed. -Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

OLIVEIRA, Carla. **A literatura infantojuvenil como espaço de resistência**. Salvador: EDUFBA, 2022.

PADILHA, Juliana; GOMES, A. Sabendo o quê e como falar para crianças de um jeito inteligente. **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia**. Ano III. N 06 3 julho de 2005. Marília 3 SP, 2005..

PAIVA, Aparecida. **Literatura infantil e ensino: debates contemporâneos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

RAMOS, Flávia Brocchetto. **Leituras da infância: debates e perspectivas**. Curitiba: Appris, 2022.

RANGEL, Gabriela. **A formação do leitor literário: perspectivas contemporâneas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

ROCHA, Eloísa. **Infância e livros: experiências culturais e formação leitora**. Porto Alegre: Penso, 2021.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a nossos dias: caminhos da literatura infantil brasileira e mundial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

SANTOS, Renata. **Letramento crítico e literatura infantil: perspectivas atuais**. Fortaleza: UFC, 2021.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Leitura literária e mediação: práticas que formam leitores**. Campinas: Mercado de Letras, 2024.

SOUZA, Maria; LIMA, Fernanda. **Literatura infantil e construção da subjetividade: uma análise contemporânea**. São Paulo: Paulus, 2020.

TURKLE, Sherry. **Alone Together**. Nova York: Basic Books, 2011.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2018

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola: história, leitura e formação**. 3. ed. São Paulo: Global, 2020.